

A IMAGINAÇÃO PEDAGÓGICA COMO PRÁTICA INTERDISCIPLINAR E REFLEXIVA EM SALA DE AULA

Viviane Palandi (UEA/BRASIL)¹⁶³

<https://orcid.org/0000-0002-9804-9915>

RESUMO

A investigação apresentada neste artigo se propõe a elaborar uma reflexão sobre a dinâmica pedagógica CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES, realizada na componente eletiva Educação, Cultura e Sociedade, na Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UEA), durante a explanação do livro *Interdisciplinaridade: Patologia do Saber*, de Hilton Japiassu. Tal experiência nasceu a partir do reconhecimento do sentimento de vulnerabilidade como um disparador, ora inibidora, ora inventiva, e uma vez trazida para a sala de aula, desdobramentos criativos se apresentaram como pontes para exercer a prática da interdisciplinaridade.

Palavras-chave: corpo em transformação; experiência; Interdisciplinaridade; vulnerabilidade.

THE PEDAGOGIC IMAGINATION AS A REFLECTIVE AND INTERDISCIPLINARY PRACTICE IN THE CLASSROOM.

ABSTRACT

The investigation presented in this article proposes to elaborate a reflection on the pedagogic dynamic: BODY: FRONTIER IN TRANSFORMATION, realized as part of the elective course Education, Culture, and Society in the Interdisciplinary Post-Graduation in Human Sciences (PPGICH-UEA), during a lecture on the book “*Interdisciplinaridade: Patologia do Saber*” by Hilton Japiassu. This experience was born from the recognition of the feeling of vulnerability as a trigger, inhibiting and inventing in turns, and once brought

163. Viviane Palandi, atriz, preparadora corporal, formada pela Escola Livre de Teatro (ELT), em Santo André – SP, graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UEA) e artista pesquisadora no Instituto de Pesquisa Tabihuni – IPT. <https://orcid.org/0000-0002-9804-9915>

into the classroom, creative developments appeared as a bridge to exercise the practice of interdisciplinarity.

Keywords: body in transformation; experience; Interdisciplinarity; vulnerability.

INTRODUÇÃO

Como pesquisadora acadêmica em Artes Cênicas e mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade do Estado do Amazonas, tecerei reflexões sobre as pontes conectivas entre interdisciplinaridade e a prática artística como um caminho interdisciplinar, pois, desde meu ingresso no mestrado (março/2023), venho buscando conectar as leituras e as discussões realizadas em sala de aula à minha prática teatral, iniciada profissionalmente em 1997.

Tais conexões são como pontes móveis que provocam inquietudes e fomentam reflexões, seja durante a exposição de um trabalho em sala de aula, ou de um ponto de vista compartilhado, na produção textual de uma resenha, ou agora, na confecção deste artigo. A intuição me leva a articular meu compilado de saberes para responder a tais inquietudes, buscando fazer/criar as pontes, bem como dar sentido ao aprendizado. Deste modo, foi na tentativa de explanar sobre o livro *Interdisciplinaridade: Patologia do Saber*, de Hilton Japiassu que nasceu a dinâmica criativa/coletiva CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES.

Ao longo do texto, todas as vezes em que mencionar a dinâmica, farei uso das letras em maiúsculas, como foi feito na lousa durante a realização. Mas, antes de tratar sobre ela, precisarei falar sobre o que a antecedeu; com isso, coloco-me numa experimentação interdisciplinar, como aduz Japiassu (1976, p. 55), coloco-me “em situação”.

Bourdieu afirma que “quanto mais a gente se expõe, mais possibilidade existem de tirar proveito da discussão” (1987, p. 18). Tomo essa exposição citada pelo autor com meu sentimento de vulnerabilidade ao expor em sala de aula o conceito de interdisciplinaridade, bem como o contexto histórico que circunscreve o início da prática interdisciplinar. Ressalto que o sentimento não foi causado por nenhuma pressão ou algo externo, mas sim, por minha relação com o aprendizado.

Para a apresentação em sala, escolhi não preparar *slides*, nem experimentar uma aula expositiva tendo resumos ou escritos que pudessem nortear o assunto. Queria contar a mim mesma que tal assunto – por mais próximo que seja da minha prática e do meu dia a dia – tinha lacunas teóricas, pois, mesmo com o período dedicado ao estudo, a leitura não estava incorporada no meu corpo.

Como proceder? Acionei os recursos metodológicos advindos da minha prática teatral, pois a dificuldade fica sobrevoando, tira o sono, sempre no intuito de ser percebida, e ela pode ser uma provocadora ou uma inibidora.

Primeiro, a essa vulnerabilidade, diria que me sinto nua, como diz Bourdieu (1987, p. 18): “faz correr o risco de perturbar a imagem que de si deseja conservar”. Há algo que não será mais o mesmo, ainda que acredite poder ser; é como se um estado genuíno saltasse às mãos; a falta de palavras, ou o excesso delas, não dá conta de traduzir o que ainda não é possível mensurar; um gaguejar tímido faz com que se percam alguns sentidos e uma rapidez alongada de pensamento vai se estendendo, enfim, há uma corporeidade sendo vivida durante uma exposição de ideias primeiras. Foi assim que me senti ao expor o conteúdo do livro de Japiassu (1976), mas, a partir das minhas experiências na prática da pedagogia do teatro, através do Ensino não formal, dialoguei com a vulnerabilidade. Disse a ela: vamos juntas! Vou lhe mostrar em sala de aula, vamos nos mostrar, mas preciso de ajuda, de uma ideia, de um *insight*.

Portanto, o artigo a ser desenvolvido parte desse sentimento de vulnerabilidade e de como tal sentimento, uma vez reconhecido, impulsionou a elaboração de uma dinâmica pedagógica interdisciplinar chamada CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES, agregando singularidades individuais e reflexões coletivas.

INTERDISCIPLINARIDADE: UM CENTRO DE VIBRAÇÕES

O conceito de um pássaro não está em seu gênero ou sua espécie, mas na composição de suas posturas, de suas cores e de seus cantos.

(Deleuze e Guattari)

No livro *O que é a filosofia?*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, eles discorrem em um dos capítulos sobre o que é *conceito*. Chamou-me a atenção a seguinte passagem: “os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 35). Para mim, a imagem “centro de vibração” pulsa no conceito de interdisciplinaridade, ao estabelecer interação/encontro entre diversos outros indivíduos das mais variadas áreas de conhecimento e o quanto as disciplinas ampliam suas experimentações, uma vez estando na perspectiva interdisciplinar.

Japiassu (1976) compartilha sua indignação quando nos conta que a palavra *interdisciplinaridade* já virou moda e, muitas vezes, é utilizada para propagar ou promulgar um campo inovador de experimentação “a própria expressão ‘pesquisa interdisciplinar’ começa a tornar-se popular, a ganhar direitos de cidadania, se é que não está convertendo em moda” (p. 51); mas no dia a dia, cada especialidade caminha

com seus conhecimentos, não trazendo para a superfície as “exigências e dificuldades epistemológicas das cooperações interdisciplinares” (Japiassu, 1976, p. 44).

Como aluna-pesquisadora vinda das artes cênicas, sempre lidei com os cruzamentos dos saberes, porque, para produzir um espetáculo teatral, intercambiava muitos conhecimentos diferentes, por exemplo, a cenografia, a iluminação, o figurino, a maquiagem, a sonoplastia, a atuação; são muitos e muitas profissionais pensando, criando. Então, desde muito cedo, vivencio essa rede de mediações através do teatro; entretanto compreendo que todos e todas estão interligados numa mesma área, a das artes, a do teatro, e que muitas vezes há um encenador ou encenadora mediando as necessidades; são poucos os projetos em que todos e todas artistas, com suas especificidades, acompanham de perto o processo de criação, problematizando e opinando de formas diferentes do que já foi pensado pela direção.

Contudo, quando o teatro vai conversar com as áreas da História, da Educação, da Geografia, encontram-se outros desafios que requerem pesquisar as fronteiras e as zonas intermediárias, como nos conta Japiassu (1976). No artigo “Da interdisciplinaridade à interterritorialidade: caminhos ainda incertos”, Ana Mae Barbosa (2010, p. 18) discorre que:

a interdisciplinaridade tem como função integrar a colcha de retalho de competências altamente desenvolvidas e de interesse diversificados e muitas vezes antagônicos. Essa integração é uma organização que tem lugar na mente do aluno, provocada pela forma como o conhecimento lhe é apresentado.

Sobre essa organização que está na mente do aluno e da aluna, Japiassu também explicita que é preciso pensar de forma interdisciplinar. Há um desafio nisso, pois as fragmentações do conhecimento verticalizam as especializações e organizá-las de forma dialógica, visualizando os problemas e as singularidades, requer disponibilidade e tempo. Esses dois componentes (disponibilidade e tempo) saltam de nossas mãos, pois muitas e muitos de nós, estudantes, viemos de espaços escolares (ensino fundamental, ensino médio, graduação) que não nos foi proposto/ensinado a viver e pensar de forma interdisciplinar, e sim, num salve-se quem puder: venha para aula, estude, não converse, faça a prova, pense, produza. Para Japiassu (1976, p. 140), o “interdisciplinar exige uma situação de abertura e de curiosidade, um esforço crítico para descobrir as causas e os fenômenos, um gosto pela síntese, uma pedagogia fundada sobre o trabalho em equipe (...)”.

Lembrei-me de quando fiz estágio supervisionado na Graduação. Minha orientadora, ao ler o meu projeto, me pediu para aplicá-lo em conjunto com outra disciplina, porque “falar de interdisciplinaridade é falar da interação de disciplinas” (Japiassu, 1976, p. 61). Após o consentimento do supervisor,

conversei com a professora de Ensino Religioso e decidimos que o tema a ser estudado por nós – eu, ela e a turma – era preconceito racial. No início, conseguimos dialogar, pensar em conjunto, mas no meio do processo houve uma troca de professores, e aquele que chegou para continuar entregou-me a condução das aulas e não consegui experimentar a dimensão *inter* com Teatro e Ensino Religioso. Japiassu (1976, p. 32), ao falar sobre a prática individual e coletiva, aponta caminhos para gerar interações:

(...) a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico. Cada vez mais parece impor-se como uma prática. Em primeiro lugar aparece como uma prática individual: é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de sentido de descoberta, de desejo de enriquecer-se com novos enfoques (...) enquanto prática individual, a interdisciplinaridade não pode ser aprendida, apenas exercida. Ela é fruto de um treinamento contínuo, de um afinamento sistemático das estruturas mentais. Em segundo lugar, a interdisciplinaridade aparece como prática coletiva. No nível da pesquisa propriamente dita, não pode haver nenhum confronto sólido entre as disciplinas sem o concurso efetivo de representantes altamente qualificados de cada uma delas.

Novamente, Japiassu traz as palavras curiosidade, abertura, sentimento de descoberta, desejo para vivenciar a interdisciplinaridade. Palavras que necessitam serem vividas, mas muitas vezes as demandas da burocracia escolar as inibe, cansa e faz morrer ideias, projetos, experiências que sensibilizam e abrem espaço para as palavras citadas acima: brincar, questionar, perguntar, gerar problemas que possam ser comuns e que terão uma rede interdisciplinar para poder geri-los. Para Rufino (2021, p. 60), “a escola deve ser habitada pelo conflito produtor de invenção, ser o lugar de questionamentos, responsável com o diálogo e favorável ao reconhecimento do nosso caráter inconcluso e, por isso, emergir como um terreno propício para tramam esperanças”.

Tomando a vulnerabilidade, citada na introdução desse artigo, como um conflito produtor de invenção, busquei a partir dela – e da minha compreensão de interdisciplinaridade – elaborar uma dinâmica criativa pensando na participação direta das demais pessoas da turma da componente eletiva Educação, Cultura e Sociedade¹⁶⁴. Segundo Fazenda (2000), a interdisciplinaridade também ocorre no encontro entre indivíduos, não necessariamente entre disciplinas. Pensando nas áreas de conhecimentos das demais pessoas da turma, a imaginação interdisciplinar teceu algumas ideias até chegar no CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES.

164. Componente ofertada pela profa. Tatiana de Lima Pedrosa Santos e pelo prof. Geraldo Tupinambá do Valle.

SABERES DAS EXPERIÊNCIAS

... a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. (Jorge Larrosa Bondía, 2022, p.21)

As palavras corpo, fronteira, em e transformações compuseram a frase que viria a ser a dinâmica da apresentação em sala de aula. É muito interessante perceber-se inquieta durante a criação de algo; como atriz, vivencio esse estado com frequência, pois a cada processo criativo, o corpo fica em vigília, como uma antena em busca por conexões; e não foi diferente para a elaboração da dinâmica criativa/coletiva CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES.

Contarei de forma sucinta como a dinâmica foi sendo construída.

Vivenciei no mês de abril de 2023 o Congresso Internacional de Teatro do Amazonas (CITA)¹⁶⁵, realizado pelo Curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas. Como integrante da subcomissão científica, apoiei as logísticas das comunicações acompanhando uma das salas como monitora. Em um dos dias, a mediação foi realizada pela professora Daniely Peinado¹⁶⁶ e como tínhamos pouco tempo para a quantidade de apresentações, era bem provável que não iríamos conseguir fazer a roda de conversa ao final; então, a professora propôs uma dinâmica, que descreverei de forma sucinta: durante a apresentação de cada comunicação às demais pessoas da sala que estavam assistindo, elas podiam se levantar e escrever algo na lousa em diálogo com o tema que estava sendo abordado, como uma frase, uma palavra, um desenho. Começou de forma tímida e seguiu um fluxo mobilizador, transformando em uma performance viva e dinâmica. A cada apresentação a lousa ganhava mais e mais palavras, transformando em um mosaico criativo. Ao final, o grupo se mostrou satisfeito com as intervenções em tempo real e eu, como monitora, presenciando a dinâmica, vi a potência da intervenção e de como ela abriu espaço às subjetividades.

Foi durante a elaboração da explanação do livro *“Interdisciplinaridade e patologia do saber”*, de Hilton Japiassu, que vislumbrei a possibilidade de fazer uso da proposta vivida no CITA, ao mesmo tempo que teria que fazer

165. Disponível em: <https://www.citateatro.com/>. Acesso em 10 out. 2024

166. Daniely Peinado. Artista, professora e pesquisadora da cena. Graduada em Dança e Teatro, com pós-graduação em Metodologia do Ensino de Arte, Mestra em Letras e Artes, doutoranda em Artes Cênicas.

mudanças, visto que o contexto era outro. Como já havia decidido não fazer a apresentação em *slides* porque queria experimentar outro formato, – algo que partisse das minhas experiências como atriz – fiquei porosa às percepções que iam surgindo até desenhar como faria a condução. Um dia antes da apresentação, contei a um amigo minhas ideias e ele me lembrou de que as demais pessoas da turma do mestrado tinham outras áreas de conhecimento e que poderiam, então, dialogar com a minha, a do teatro. Pronto! Era o que me faltava, fazer a ponte com as demais áreas.

Quando cheguei à sala, a professora já estava aguardando uma performance, pois na componente anterior eu havia apresentado uma, então ela me perguntou se teríamos outra. Eu disse que, dessa vez, minha performance era contar que eu não faria uso de roteiro, nem *slides*. Acreditava eu que isso mostraria algumas lacunas, como o nervosismo e o sentimento de vulnerabilidade advindos de uma sincera relação comigo mesma. Minha apresentação durou alguns minutos, tive apoio do professor e da professora com seus comentários, como também da turma. Após a primeira etapa, fui para a lousa para iniciar a segunda. Nesse momento, já me sentia mais à vontade para a proposição que estava por vir.

Escrevi na lousa CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÃO e acima a palavra teatro, em diálogo com minha área de conhecimento. Logo após, pedi apoio aos demais discentes da turma que me ajudassem a desenvolver tal proposição. A conexão se deu quando perguntei à turma qual era a relação da frase escrita na lousa com o projeto de pesquisa de cada um(a). Para minha surpresa, cada pessoa fez a conexão a partir de uma das palavras que compõem a frase e não necessariamente a frase toda.

O primeiro discente contou que a pesquisa dele passaria pela palavra FRONTEIRA e discorreu o porquê. A partir da fala, eu que estava em pé na lousa, desenhava uma seta e escrevia de forma sucinta a relação entre a pesquisa e a palavra escolhida. Já a segunda pessoa escolheu TRANSFORMAÇÃO e, sucessivamente, cada pessoa da turma trazia suas contribuições e eu ia anotando na lousa, juntamente com intervenções do professor e da professora. As áreas que dialogaram com o teatro foram: História, Geografia, Pedagogia, Letras – Língua Portuguesa, Pedagogia – Educação infantil, Turismo, Sociologia e Artes.

Para Japiassu (1976, p. 125), há algumas etapas do método interdisciplinar e uma delas é a constituição de uma equipe de trabalho:

se queremos realmente trabalhar, e que nosso trabalho seja realmente eficaz e tenha um sentido, parece que não podemos deixar de constituir, desde o início, quer um grupo de reflexão,

Qualquer demanda por uma definição unívoca e definitiva do conceito de interdisciplinaridade deve ser rejeitada, por tratar-se de proposta que inevitavelmente está sendo feita a partir de alguma das culturas disciplinares existentes. Em outras palavras, a tarefa de procurar definições “finais” para a interdisciplinaridade não seria algo propriamente interdisciplinar, senão disciplinar. Na medida em que não existe uma definição única possível para este conceito, senão muitas, tantas quantas sejam as experiências interdisciplinares (...).

Figura 3: intervenção – *design* visual.



Fonte: Acervo pessoal (2023).

CORPO EM EXPERIÊNCIA – LUGAR DO ACONTECIMENTO

Buscarei manejar uma reflexão filosófica e poética em relação às palavras que compõem CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES. Das 04 (quatro), acentuarei CORPO e FRONTEIRA, compreendendo que elas se desdobram EM TRANSFORMAÇÕES.

Fabião (2013), no artigo “Programa Performativo: o corpo-experiência”, aproxima a entrega de vida do(da) *performer* à prática de “como criar para si um Corpo sem Órgãos”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980), aproximando, por sua vez, vida e arte: “um *performer* pergunta sobre capacidades e possibilidades do corpo; sobre pertencimento, exclusão, mobilidade e mobilização; pergunta: de quem é esse corpo? a quem pertence o meu corpo?” (Fabião, 2013, p. 6). Um corpo de intensidades que dialoga com suspensões, medos, diversidades, dor, excrementos, desejo, um corpo não apenas orgânico localizado nos ossos e na carne, mas nas subjetivações e na existência delas.

Quando, em 1947, Antonin Artaud declara fim aos órgãos, ele decreta o fim a um sistema de organização que coloca em risco as múltiplas possibilidades de se viver; das existências que são colocadas à margem, pois estas querem viver sem órgãos, querem reorganizá-los, experimentando o desejo, não aceitar as normatizações, os automatismos. Em 1980, quando Deleuze e Guattari retomam o manifesto do Corpo sem Órgãos de Artaud, convocam mais uma vez as intensidades de um corpo material e imaterial que vive na ânsia da vida cruzando o risco da morte.

Ao Corpo sem Órgãos nos se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isso: o CsO – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante do deserto e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos (Deleuze; Guattari, 1980, p. 9).

Importa ressaltar que, quando a dinâmica coletiva CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES foi levada à sala de aula, a prática CsO¹⁶⁷ não se manifestou na apresentação, mas foi escrevendo este artigo que ela pulsou em se apresentar, porque, como Bondía (2002, p. 21) nos trouxe: “eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco”. Pois bem, as palavras fizeram coisas comigo, trouxeram o sentimento de vulnerabilidade para escrever junto, para participar; foi a partir dela que o corpo do artigo foi construído, aqui nessa tessitura há os órgãos – há a organização textual dentro de uma formatação –, mas também há a tentativa de uma pequena fissura que se dá no manejo reflexivo e poético sobre como nossas dificuldades são matéria-prima em intensidades: dificuldades essas que moram em nós, em nossos corpos.

As realidades seletivas de como cada pessoa viu e sentiu a palavra CORPO escrita na lousa é tomada por particularidades íntimas acopladas às experiências diversas de saberes, do mesmo modo aconteceu com a palavra FRONTEIRA. Ao escrevê-la, o intuito foi convocar as intensidades que moram nesse território identitário de interação/passagem/mobilização, zonas de conflito, trocas culturais e econômicas; as fronteiras deflagram a pluralidade de existências que coexistem num determinado espaço, exaltando as singularidades: a fronteira física como espaço de expansão e o corpo como espaço fronteiro de permanente transformação. “Nesse sentido, um ponto de

167. Corpo sem Órgãos.

partida relevante é abordarmos as regiões de fronteira como espaços singulares construídos a partir de múltiplas relações de trânsitos e pertencimentos” (Cardim; Albuquerque, 2018, p. 119).

Tanto a palavra CORPO quanto FRONTEIRA interagem profundamente com a interdisciplinaridade, pois ambas carregam em si fenômenos que se interligam.

Seguem algumas das interações trazidas pela turma, ao discorrerem sobre seus projetos de pesquisa, relacionando-os com a dinâmica proposta em sala:

CORPO

corpo em construção
 entre uma vida e uma respiração
 o corpo como fronteira do corpo
 corpos não identificados
 incômodo
 abandono
 corpos em movimento
 corpo social

FRONTEIRA

fronteira pública ou privada
 limites periféricos
 existência de cemitérios
 a morte como fronteira
 limite do caos e desordem
 invisibilidade

Portanto, ao propor a dinâmica CORPO: FRONTEIRA EM TRANSFORMAÇÕES, experimentamos a interdisciplinaridade e nos conhecemos um pouco mais, enquanto corpos em relação a algo que estava sendo descoberto no ato do próprio acontecimento. Cada palavra lançada na lousa foi um pequeno e profundo mundo particular, que, ao ganhar forma, se conectaram.

CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO

*o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde
 têm lugar os acontecimentos
 (Jorge Larrosa Bondía)*

Japiassu (1976) nos conta que, para vivenciar a interdisciplinaridade, é preciso ter uma imaginação interdisciplinar, eu diria – fazendo ponte com Eleonora Fabião – para ter uma imaginação interdisciplinar é preciso praticar, se colocar em experiência, colocar o corpo-em-experiência em relação a diversidade de saberes, como no diz Bondía (2002, p. 21): “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” e “em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”. Chego a essas considerações finais com uma sensação – que não é nova, mas é espiral¹⁶⁸ – para um caminho na licenciatura: nossas práticas pedagógicas precisam estar sempre EM TRANSFORMAÇÕES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* 9. Abril 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acessado em 31 ago. 2023.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma Sociologia Reflexiva. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 15-56.

CARDIM, Eric Gustavo. ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. Fronteiras e deslocamentos. *Revista Brasileira de Sociologia*. Vol. 6. N 12, Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5957/595765252007/595765252007.pdf>. Acessado em 30 ago. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: o corpo-em-experiência. *Revista do Lume*, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais, n. 4, p: 01-11. Unicamp/SP. Campinas, 2013. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276>. Acessado em 23 abr. 2023.

FABIÃO, Eleonora. Performance, teatro e ensino: poéticas e políticas da

168. A imagem da espiral é uma reflexão sobre a transformação pessoal, em constante movimento. Uma vez conectada ao fluxo das pluralidades de existências, tal transformação ascende em ideias, conexões, proposições.

interdisciplinaridade. In: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso. (org.). *Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 61-72.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: Didática e Prática de Ensino. Edição 6, 2015 – *Revista Interdisciplinaridade*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/interdisciplinaridade/article/view/22623>.. Acessado em 16 ago. 2023.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. *Cadernos de pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. ISSN 1678 – 7730 no 73. F-POLIS, Agosto 2005.

MATURANA, Humberto; R. VARELLA, Francisco G. *Conhecendo o conhecer*. In: _____. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. São Paulo: Editorial Psy 11, 1995. p. 59-74.

RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.